



PORTO DE DELFT.

DELFT, situada a oito milhas de Rotterdam, (*) é das mais melancolicas cidades velhas d'Hollanda, que só por lembranças do passado merece alguma attenção do viajante intelligente. As suas compridas alas de arvoredo torneam pantanos entupidos d'hervas, e já não ministram refrigerio e sombra a uma população activa e commercial. As ruas estão silenciosas e tristonhas, e o sentimento de que o seu esplendor já passou não deixa de affligir quem passeia por esses bairros quasi solitarios: ao presente poucas horas bastam para ver os objectos que em Delft merecem ver-se. O primeiro é o palacio, onde assassinaram o principe d'Orange, Guilherme 1.º, edificio abarracado, que serve agora de quartel de tropa; e permanecem ainda o portico onde foi perpetrado o delicto e o lanço d'escadas que o principe estava para subir: um hespanhol, por nome Balthazar, commetteu este assassinio, sendo movido de rancor contra Guilherme, porque tomára mui activa parte na expulsão dos hespanhoes, que subjugavam a Hollanda. Veem-se vestigios do tiro na parede, e embebida na mesma uma pedra com a seguinte inscripção na linguagem hollandeza. — «Por baixo desta lapide estão as marcas das balas que mataram o principe Guilherme d'Orange aos dez de julho de 1584.» — Na igreja nova de Delft levantaram as Provincias-Unidas o mausoleu deste patriota; e que é contado entre as obras artisticas de mais magnificencia que a Hollanda possúe; comtudo notam-lhe professores a falta de gosto do architecto, não obstante a sumptuosidade da obra. É um sarcophago, com a estatua recumbente do heroe, vestido de todas as armas, com a sua espada e sceptro, e o seu fiel cão aos pés: nos quatro an-

gulos avultam as estatuas de bronze da Liberdade, Fortaleza, Justiça e Religião. Debaixo d'um arco á cabeceira do tumulo ha outra estatua do principe, tambem completamente armado, mas na postura de assentado; na extremidade opposta vê-se a figura da Fama com as azas estendidas: um baldaquino de rico lavor cobre tudo, e repousa sobre quatro botareus de marmore branco, e vinte e duas columnas de marmore preto d'Italia. A effigie do cãozinho estimado que entrou em mausoleu tão esplendido traz á lembrança que esse pequeno animal fôra o instrumento da salvação da vida de seu dono, quando á meia noite attentaram contra elle os assassinos no acampamento proximo a Mechlin, em 1572. Estavam os malvados a ponto de se introduzirem clandestina e cautelosamente na tenda, e o cão, como se lhes conheçera o intento, saltou sobre o leito, ladrando com força, e com os pés afastando os lençoes; eutão pôde o principe acordar e erguer-se a tempo d'evadir-se. Depois que, emfim, elle succumbiu victima da traição no seu palacio em Delft, o fiel animal começou a definhar-se e não pôde sobreviver a seu dono: leem-se estes factos na inscripção do tumulo. A esposa de Guilherme 1.º era filha do nobre e malfadado almirante Coligny, morto na matança do dia de S. Bartholomeu: assim esta senhora perdeu seu pai e seu marido da mesma desastrosa maneira, e parece que fôra testemunha de ambas as catastrophes: o principe expirou-lhe nos braços, implorando Deus que houvesse misericordia delle e da sua atormentada nação. — A pouca distancia do soberbo monumento, que descrevemos, está um obelisco de marmore com cenotaphio, que marca o logar da sepultura do sabio Hugo Grocio, natural de Delft.

(*) Vid. pag. 52 do vol. 3.º

A igreja velha da cidade é notavel pela vastidão e por extrema antiguidade: encerra o monumento do famoso almirante Tromp, e o do naturalista Le-wenhoeck. Tromp foi heroe de mui celebres combates navaes, e especialmente antagonista da armada ingleza em tempo do almirante Blake: o maior acontecimento da sua vida foi a victoria ganha aos inglezes nas Dunas em 1652; por essa occasião deu elle á vela para o canal com uma vassoura no masto grande em signal de que havia de varrer os inglezes do mar: triumphante em trinta e tres combates é a gloria dos seus patricios que timbram em ornar suas casas com pinturas das proezas delle. Morreu de um tiro de mosquete n'um conflicto nas costas d'Hollanda, de que os inglezes sahiram victoriosos. O seu tumulo, posto na parede que remata o côro, é uma obra maciça, feita de marmores, branco, preto e vermelho: uma figura de veterano reclinado n'um esquife occupa o centro, na parte inferior está representada em baixo-relevo uma das batalhas do almirante.

Ainda nesta cidade antiga existe como memoria notavel da passada prosperidade da Hollanda um edificio de grande extensão, lançado ao comprimento de um dos portos e que d'antes era occupado pela companhia hollandeza das Indias Orientaes: está adornado com as armas da antiga republica e tem no frontispicio a data de 1692: agora serve de arsenal. — Em Delft fabricou-se n'outro tempo louça de barro, que era muito procurada, o aperfeiçoamento da louça ingleza lhe fez perder a estimação por maneira que hoje se faz pouca e ordinaria, não empregando esta industria talvez duzentas pessoas. Ha uma boa estrada daqui para Rotterdam, ao lado do canal, cortando terra chaã, opulenta em prados, salpicada de cabanas, granjas, e casas de campo. O canal que liga as duas cidades dá á de Delft algumas das vantagens de um porto maritimo; as manufacturas que ainda ella sustenta são de pannos de laã e d'alguns objectos insignificantes; tambem se faz em manteiga consideravel negocio.

NÃO VALE A LIÇÃO MIL DOBRAS?

(Episodio das guerras de successão entre Castella e Portugal).

[1385].

III.

FLOR DE LINDEZA.

Ninguno cierre la puerta,
Si amor veniere a llamar,
Que no le hade aprovechar.

VILLANCICO DE JUAN DE LA ENCINA.

PARCE que a natureza creou expressamente ao lado das organizações fortes e energicas os entes melindrosos e acariciadores, como se quizesse por meio das branduras destes modificar o nimio ardor e vehemencia daquellas. Não foi seguramente o acaso, foi a providencia de Deus que á sombra do carvalho robusto fez nascer a timida violeta — o primeiro para orgulho dos olhos, a segunda para regallo dos sentidos — para emblema da soberba o primeiro, a segunda para imagem da humildade. Em todos os tempos e em todas as idades a doçura femi-

nina [salvas as excepções] foi a consolação e o refrigerio das robustas penas masculinas. — Que vos digam todos, soldados ou politicos, nobres ou plebêus, obscuros ou illustres, quantas vezes um sorriso mulheril, ou o simples roçar d'um vestido, lhes tem feito mudar, em longas noites d'insomnia, os projectos de toda a sua vida.

Flor de lindeza, que injuria fariamos á linda parente do escudeiro, se lhe deramos outro nome que não fosse o singular epitheto que a sua peregrina formosura lhe grangeára: *Flor de lindeza*, diziamos, era viva prova do que acabâmos de affirmar. Á vista da graça melindrosa da ingenua moça o soldado feroz de Nun'Alv'res voltando do campo da batalha manchado de sangue e cuberto de pó, não podia deixar de sorrir com affecto, e não poucas vezes nos seus raros momentos de ocio e solidão as lagrimas lhe tinham assomado aos olhos, insensíveis aos horrores da guerra, e escorrido pelas faces tostadas, na consideração da sua muita pobreza e do desamparo em que ficaria aquella infeliz se elle, seu unico protector na terra, lhe viesse a faltar, cousa que em tempos tão retalhados de combates e regados de sangue o bom escudeiro sabia ser mais que provavel. Forçoso é confessar aqui em abono do leal *homem d'armas* do Fronteiro que formosa alma era a que elle occultava no grosseiro involtorio do soldado folgazão. Debaixo d'aquelle rude exterior, austero na guerra, hardido no combate, e na paz franco e expansivo, o escudeiro abrigava o mais generoso coração que nunca bateu a cuberto d'um arnêz de cavalleiro, nem sob a armadura de um principe. — A generosidade e magnanimidade são porventura os principaes attributos de tudo o que no mundo é verdadeiramente forte.

Que será porem do nosso amigo Aphonso de Valença, personagem com quem primeiro nos encontrámos? Que terá elle feito em quanto o nosso amigo escudeiro, fiel ao seu systema de respeito e obediencia aos seus superiores foi primeiro que tudo guiar o honrado thesoureiro da rainha D. Lianor, D. Judá de sórdida memoria, á presença do Fronteiro. Ficai certos, leitores, que não perdeu o seu tempo.

Entrando na villa o condescendente escudeiro, a quem o mancebo tinha feito a mais comprida e pathetica narração do seu amor, da sua situação e das suas intenções, que elle ouvira com uma paciencia digna de Socrates, mostrou passando por uma ruasi-nha estreita, pouco distante da morada do Fronteiro, uma casa pequena, apenas mal rebocada, e com dois buracos á feição de janellas, por onde entravam muito á sua vontade o sol, a chuva, e toda a caterva de ventos a que a boa gente grega poz tão sonoras alcunhas como se podem lèr nos muito veridicos livros das suas mythologias, tão aproveitaveis como certas cantilenas das nossas mythologias modernas, que por ahí sabem aos retalhos com o titulo de *Romances de costumes*, e a vaidade de pedagogicos anatomistas sociaes, taes como as *Memorias do diabo* e quejandos, todos mui cheios de boa moralidade e saã doutrina, como se póde ver, e mui proveitosos e edificativos para o *publico illustrado*. Ora a casa que o escudeiro indicou ao mancebo era nem mais nem menos a sua propria morada aonde elle vinha de vez em quando descansar do rude serviço do Fronteiro, na companhia de *Flor de lindeza* e de uma sua irmã, já mais que madura, que era um póço de orações e mexericos, e um abysmo de surdez e de virtude. Bem boa vontade tinha o cançado escudeiro de entrar a repousar-se um pou-

co, mas infatigável no cumprimento dos seus deveres passou adiante sem parar e foi-se, guiando o judeu aos paços em que se alojava Nun'Alv'res aonde já o encontrámos. Quanto ao mancebo já se pôde facilmente concluir que não deu nem mais um passo ávante: estava chegado ao suspirado termo d'aquella penosa jornada que tanta vez fizera com o pensamento, com os desejos, e com a esperança.

Verdade seja que a apparencia humillissima da morada do escudeiro era capaz de desgostar o mais repetido e protestado affecto [destes do nosso tempo], mas naquella bemaventurada idade do mancebo, naquella idade feliz de illusões, que recanto, por mais obscuro que fosse haveria, que o facho da phantasia não illuminasse como o mais esplendido sol do estio — que vil casebre se lhe antolharia que o amor, como a *lampada maravilhosa das Mil e uma noites*, não methamorphoseasse em palacios do oriente?

Não era pois a repugnancia da pobreza, mas a timidez e o receio que prendiam os pés do mancebo ao lugar em que o seu novo amigo o deixára, era o alvoroço intimo que suspende as faculdades a quem devêras ama no momento da felicidade, era emfim aquelle recato d'uma alma virginal, e inhabil no encubrir com a gelada mascara das conveniencias mundanas o ardor dos transportes em que ancêa por se exhalar. Longa talvez fóra a luta se atravez da porta mal cerrada, e que parecia dizer em segredo á sua timidez que fugisse e ao seu amor que entrasse, não ouviu elle uma voz suavissima, daquellas que pelos ouvidos vão direitas ao coração, descantando maviosamente as trovas preferidas do moço castelhano:

A ti de mi patria amada
Ningun recuerdo te queda;
Pero yo, triste, no puedo
Dejar de llorar por ella.

Como se vê, a simphathia daquellas duas almas ainda na flor da innocencia era uma especie de predestinação que as fazia, em situação tão estranha, e se nos permitem a phrase, tão incompleta, viver da mesma vida, pensar com o mesmo pensamento, e penar das mesmas penas.

Ao escutar aquelle canto, que ao mesmo tempo fazia sentir ao moço castelhano a consciencia da sua posição, e em tumulto na alma lhe despertava as paixões e os affectos mais poderosos — as saudades da patria e as ancias do amor, não pôde elle mais reprimir-se e empurrando a porta com impeto entrou inopinadamente.

A formosa donzella com as mangas arregaçadas até o cotovello e deixando ver uns braços alvos e redondos como os de uma Venus de alabastro, e tão perfeitamente modelados que fariam inveja ao cinzel de Canova, sacudia uma bojudá escudella de barro cheia de caldo e couves, destinada provavelmente ao escudeiro que promettêra vir naquelle dia fazer companhia á sua pobre familia. Ao rumor da porta voltou o rosto, e á vista do mancebo que assim se apresentava soltou tal grito de surpresa, que se não fóra a bemaventurada surdez da sua velha parente o colloquio amoroso ficaria mui provavelmente n'aquella exclamação. Quanto á escudella valeu-lhe uma banca de pinho, que posto que manca de um pé ainda se sustinha galhardamente nos outros tres, e que alli se achava muito a proposito, aliás temos boas rasões para afirmar que as couves

do jantar do escudeiro teriam ido servir de tapete ao negro chão da cosinha. — Por um triz que o amor não deixa ficar o nosso escudeiro em jejum.

A casa em que a scena vai passar-se era um pequeno cubiculo terreo que accumulava as funcções de cosinha, casa de jantar, e quarto de dormir quando o escudeiro lá ficava. Por cima havia um sobrado em que a velha e a donzella dormiam, e aonde a primeira quasi sempre residia. Já se vê portanto que os dois amantes corriam pouco risco de ser interrompidos pela unica de quem se poderiam arreçar, visto possuir ella em tão subido gráu aquella apreciabilissima qualidade das tias velhas, com tanto atticismo descripta pelo nosso bom Tolentino. Quanto ao escudeiro a indicação que fizera da sua casa ao mancebo não era porventura um consenso tacito aos sinceros desejos deste?

«Mas uma cosinha! direis vós, uma cosinha feita theatro de conversações apaixonadas! Que se poderá esperar de affectos expressados entre escudellas e potes?» — «Valha-vos Deus, responderemos nós, acaso não tem servido ahí fornhalhas, tenazes, e carvões de gallas poeticas para scenas de amor em tanto romance dédalico? Nós mesmos que isto escrevemos não passámos já pelas consequencias desse peccado original? E — serio — diminue por ventura o lugar a intensidade desses colloquios mais do coração que dos labios, onde o espirito se evapora em sublimes transportes. — A vós, leitoras elegantes e escrupulosas, nos dirigimos. Entrai conosco sem receio pela terrea cosinha, não temais enxovalhar os vossos vestidos de mossellina, não tenhais medo de calcar esse chão escuro. Affectuosas e amantes, como vos julgámos, mais olhareis á candidez da paixão e do sentimento do que á humildade do lugar. Qual de vós não terá lá o seu segredo d'amor, que folgará de ver reproduzido, sem lhe importar aonde?»

Entrai, vos dizemos nós. Só o amor das Messalinas se compraz exclusivamente nos pavimentos de marmore e nos leitos de brocado: o amor puro e legitimo, o amor verdadeiramente amor não escolhe lugar; é cego para tudo; vê só com os olhos d'alma.

Não ensaiaremos de vos pintar os transportes intimos dos dois singelos amantes. Tambem não espereis que vos façamos uma descrição emphatica dos abraços, desmaios, e protestos usados em semelhantes occasiões. A donzella era muito recatada para se deixar abraçar tão facilmente, e o mancebo muito respeitoso e amante para assim esquecer as leis do decóro. O primeiro movimento daquella foi de confusão e enleio, e o deste foi de veneração. Tal é o prestigio da formosura e innocencia reunidas, que nem no meio dos mais vis misteres deixam ellas de exercer o seu soberano imperio. Não era só formosura, a donzella tinha no rosto radioso toda a candura, toda a sublime expressão, toda a mystica inspiração de sua alma angelica, tinha esses ineffaveis mysterios d'amor e pureza que Deus só concede a certas creaturas da sua escolha. Não era só formosa, repetimos: era uma virgem de Raphael com saias de estamêna.

A solemne saudação dos dois amantes foi sómente um comprido silencio, logo em seguida da involuntaria exclamação da donzella. A primeira, a mais apaixonada, e a mais inexplicavel transmissão de affectos foi a de seus olhos, mais que eloquentes.

«Flor de lindeza — disse o mancebo quando pôde fallar, chegando-se um pouco — Flor de lindeza,

aqui me tendes. Esta vida que entre ferros vos ofereci, e que livre vos prometti em segredo, aqui venho trazervos-la agora, toda, com as suas saudades da terra da patria, com as suas dores do captivo, com os desares do vencido, com as lagrimas do desterro, com penas e alegrias, com tormentos e bemaventuranças. É toda nossa, toda inteira, tomai-a que me dais a mór ventura da terra.»

A donzella enleada não atinava com o que em tal conjunctura devia responder. Havia porem na graciosa hesitação dos seus modos, e no seu incerto olhar tal felicidade e tal encanto, que bem se via quanto esta próva de amor do moço castelhano a enchia de beatifico prazer. Era passado o primeiro e mais perigoso momento dos mudos transportes. O mancebo carecia de derramar a sua alma exteriormente. A precipitação e vehemencia das palavras succedia á volubilidade das idéas. As segundas eram apenas pallidas imagens das primeiras.

«Do meu coração — continuou elle arrebatado. — Do meu coração, dos meus affectos, dos meus votos a Deus, dos meus desejos e esperanças nada reservei para mim, senhora minha, não, todos nas mãos vo-los entrego. Nas sombras da prisão tinha dito commigo «estes ferros que me prendem hei-de torna-los ainda algum dia n'uma espada que extermine.» Ajoelhado á cabeceira de meu pai na sua ultima agonia eu fiz um espantoso protesto de vingança . . . de que já me não lembro. . . Não, não, *Flor de lindeza*, não; de nada me lembro já. Aquelles triumphos que eu phantasiei nos meus incuidadosos devaneios, a terra em que nasci, os verdes prados de Andaluzia em que infante ainda aventurei os primeiros passos, aquellas damas formosas que na minha juventude eu vi passarem como um sonho pelos ricos estrados dos seus palacios de Sevilha, o amor a meus pais que estão no tumulo, o amor á minha patria que perdi, o amor á minha gloria que morreu, tudo, senhora, tudo resumi e concentrei n'um só amor. Não sabeis vós, *Flor de lindeza*, que amor seja esse? . . .

Os olhos do mancebo dardejavam raios de pura paixão. As suas ultimas palavras sahiram repassadas de profunda melancholia. Aqui a donzella enfeixando as suas incertezas n'uma subita resolução assim respondeu:

«Sei, senhor, sei que amor é esse . . . talvez o saiba demais para o que eu sou. Mas sei tambem o que devo a mim e a vós. Olhai bem para mim, senhor. Não vêdes que me não adornam finas saias de valencina (*), não vêdes que os meus pés não calçam sandalias (::) bordadas das senhoras? Que quereis pois de mim? Sois nobre, sois castelhano, tendes o vosso brasão . . .»

«O meu brasão é este amor — acudiu o mancebo com a exaltação d'um inspirado.

Grande foi sem duvida o esforço que a donzella fez para lhe dizer aquellas duras palavras, porque a esta subita explosão do moço castelhano, a quem a propria força da paixão anciava, não pôde ella reprimir dois fios de lagrimas que impetuosas lhe saltaram dos olhos. O castelhano continuou dobrando extremos.

(*) Tecido de laã mui fino, que se fabricava em Valencia, d'onde lhe vem o nome, e somente usado pelas pessoas de posses.

(: :) Por muito tempo se conservou o uso de chamar sandalias ao calçado das senhoras nobres, talvez alludindo á preeminencia d'elle entre os antigos. Não era era esta a parte menos dispendiosa do traje feminino, nem a menor que-sitia dos pais e maridos.

«Nobre sou, dizeis vós. Nobre é a vossa alma. Nobreza é só este coração que Deus me deu para conhecer o que sois e o que valeis. Sou castelhano, dissestes. Não me odieis por isso, que o não sou já. A vossa patria é a minha, aonde viverdes é a terra que escolho. E se mais desejais, dai-me vós mesma um ferro, armai o meu braço, mandai-me e eu irei pôr este peito, que é vosso, aos golpes de meus irmãos entre as alas portuguezas.»

«Isso não; que era de traidor. — Interrompeu neste momento uma voz já bem conhecida de ambos.

Era o nosso amigo escudeiro. Como se vê não se havia elle esquecido do seu louvavel costume de espreitar ás portas. Mas desta vez tinha espreitado muito pois que nem uma palavra do dialogo dos dois amantes lhe havia escapado. Notava-se que uma lagrima se lhe debruçava timidamente das palpebras. O bom soldado cria muito no amor e na virtude, mas nunca pensára que pudesse ir tão longe. Dizendo o que lêstes, entrou sem cerimonia arrastando comsigo uma especie de vulto humano que de vez em quando soltava um ai lastimoso; e como se tivesse vergonha da sua commoção foi assentar-se n'um escabello sem dizer palavra para se não atraiçoar. Passados alguns instantes poz os olhos na donzella que summamente envergonhada estava de pé diante d'elle.

«Então que é isso, rapariga? — disse o honrado escudeiro com voz mais rude do que de costume para melhor esconder a sua torvação — acaso tens medo dos meus bigodes retorcidos e da minha cara pharisaica, para me não dares um abraço?»

«Aqui me tendes a mim e ao meu coração, pai de minha alma — respondeu a donzella precipitando-se nos seus braços.

«Tens razão — acudiu o enternecido escudeiro, olhando-a attentamente e não podendo já conter as lagrimas — chama-me teu pai, que heide sê-lo. E tu, mancebo, continuou elle [estendendo a mão ao castelhano] achas-te com animo de deixares para sempre os teus senhorios, os teus prados de Andaluzia, e as tuas sevilhanas, que, por mim o digo, são umas boas peças? Queres ficar aqui por Portugal com uma boa rapariga . . . que te escolher; um dote menos máu; e a promessa de nunca mais pegares em armas contra o Mestre . . . mais não, que fóra ensinar-te a ser traidor aos teus . . . Vamos, queres? . . . Se acceitas, da-me tambem um abraço e não tenhas ciumes de mim . . . Basta, basta que me afogam ambos . . .»

Por uma transição subita, o bom soldado, que chorava como uma creança ao fazer a felicidade daquellas duas creaturas tão amantes, voltou-se para *Flor de lindeza*, e com uma aspereza correspondente á sua commoção lhe gritou, para se rehabilitar do que elle julgava sua fraqueza, como se desse uma voz de guerra a quinhentas lanças.

«Vamos, vamos. — Aprompta-me mais duas escudellas, e vê se ainda ha por ahí algum pichel de bom vinho; que temos hospedes a jantar. Se o teu caldo estiver magro, aqui te darei com que o engordes.»

Estas ultimas palavras foram ditas apontando para o vulto que trouxera comsigo e que os dois ainda não tinham notado.

Era o judeu que estava a um canto abraçado com o seu querido embrulho das mil dobras.

Nunca no mundo se viu mais piedosa e ridicula visagem do que a que elle fez ao ouvir a consoladora sentença do escudeiro, que parecia singular-

mente disposto a não desmentir as palavras com as obras.

(Concluir-se-ha.)



MANUEL JORGE GOMES DE SEPULVEDA.

Em uma serie d'artigos começada a pag. 145 do antecedente volume demos noticia da provincia do vasto e opulento imperio do Brazil, denominada hoje de S. Pedro e anteriormente Rio Grande do Sul; appresentámos a vista geral da cidade de Porto-Alegre, e della particularmente tratámos. Depois alcançámos apontamentos biographicos de um varão contemporaneo a quem esta provincia foi muito devedora de melhoramentos e consideração, o Ex.^{mo} Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, do Conselho de S. A. R. e do de Guerra, Grão-Cruz da Ordem da Torre e Espada, Commendador da Ordem de Christo, Alcaide-mór de Trancoso, Tenente General dos Reaes Exercitos, Governador que foi do Rio Grande do Sul, e em varias occorrencias tambem da Provincia de Tras-os-Montes, onde haviam brilhado seus antepassados, que distinctamente imitou: justo era pois que neste jornal os consignassemos, estampando ao mesmo tempo o retrato que obtivemos por especial favor do Ex.^{mo} Sr. Visconde de Ervedosa, digno filho daquelle portuguez benemerito.

Seguindo o illustre exemplo de seus maiores, o Sr. Sepulveda, adoptando a luzida carreira das armas, passou a servir nos Estados ultramarinos por aviso regio de 17 de março de 1755, porem debaixo do nome supposto de José Marcellino de Figueiredo, que tomou por insinuação do primeiro Ministro d'Estado, que então era, marquez de Pombal. Ahi, depois de nomeado coronel de cavallaria, foi encarregado do commando das tropas, e das fronteiras do Rio Grande, e logo tratou de organizar e disciplinar um regimento de cavallaria que denominavam «dragões», e assim mais algumas tropas, com que em 1767 expulsou dos fortes do norte os hespanhoes, que comnosco contendiam sobre a posse daquelles terrenos limitrophes; serviço importante quer por sujeitar á obediencia militar gente que não estava habituada a ella, conseguindo deste modo as vantagens de uma regular milicia, quer por conservar a integridade dos dominios da corôa contra pre-

tenções e commettimentos estranhos. Continuou por espaço de dezeseis annos a governar aquellas provincias, com a patente de brigadeiro de cavallaria por carta regia de junho de 1774, defendendo sempre com valor e fidelidade aquella extensa região: com pequeno numero de tropas embaraçou a invasão que o general hespanhol, D. Jorge Vertize, intentou á testa d'uma grossa columna de gente exercitada, obrigando-o a retirar-se com grande perda de homens e de cavallos, desbaratando-o em Tubatingay e no Rio Pardo, e sorprendendo-o no Campo de St.^a Barbara e na tomada dos fortes de S. Martinho, St.^a Tecla, e em outros mais encontros que teve com o inimigo. Por estes serviços mereceu a distincta honra de que S. M., o Sr. D. José 1.^o, ordenasse pela secretaria d'Estado ao vice-rei do Brazil, marquez de Lavradio, que a defeza do Rio Grande continuasse, como felizmente a tinha principiado o honrado e valoroso governador José Marcellino de Figueiredo, nome de que então usava, como já se disse.

Feita a paz, adiantou aquelle continente, erigindo de novo sete freguezias com as suas respectivas igrejas, e duas villas, repartindo-lhes terras segundo as reaes ordens: formou outro regimento d'auxiliares de 13 companhias: foi tambem presidente da junta da real fazenda, que augmentou consideravelmente, e sem prejuizo desta estabeleceu uma renda sufficiente para a educação dos indios guaranins dos dois sexos, em dois differentes collegios, que cada um continha 50 individuos de cada sexo, com mestres e casas correspondentes a tão pias como uteis instituições. Arruou e adornou a villa, hoje cidade de Portalegre, que no Panorama se descreve, deixando-a no melhor estado, como se vê na planta topographica que d'ella fez tirar: edificou nella de raiz o palacio dos governadores no bom gosto possivel, e outros mais edificios, merecendo por isso se lhe declarasse nas patentes, que estes serviços tinham sido relevantissimos á Religião e ao Estado assim na paz como na guerra, no Brazil como em Portugal aonde são bem conhecidos. Ainda não está muito remota a memoria do como procedeu na invasão dos francezes neste reino, sendo o primeiro portuguez, e general, que em Bragança levantou o grito da guerra contra os invasores, pelo seu edital ou proclamação de 11 de junho de 1811. Mas para a verdade historica, e evitar todo o reparo ou equivocação deve saber-se que este general, quando voltou do Brazil ao reino, logo cuidou em que lhe fosse restituído o seu verdadeiro nome de baptismo = Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, = e S. Magestade por decreto de 22 de novembro de 1783 lho mandou restituir, e delle usou sempre até á morte, acontecida em Lisboa a 18 de abril de 1814, no exercicio de conselheiro de guerra, de idade de 79 annos e um dia.

DA FIGURA DA TERRA.

A FIGURA da terra é um dos problemas, que mais tem occupado os astronomicos de todos os tempos, que foi objecto de muitas contestações, e que no estado actual da astronomia se acha perfectamente resolvido.

Enganados pela illusão dos sentidos, os primeiros homens olharam longo tempo a terra como uma planicie extensissima, sobre os extremos da qual julgaram a abobada celeste apoiar-se á maneira de

uma cupula, dando-lhe segundo uns a figura quadrada, e segundo outros a circular; mas observações muitas vezes repetidas, e cada vez mais exactas, vieram destruir este erro.

Observou-se, que o limite, até ao qual podiam abranger as nossas vistas, era muito estreito nas planícies, e que se dilatava á medida que se subia a uma altura; assim como se notou a variação que experimentava, quando se fazia alguma jornada ou alguma viagem: este limite posto ás nossas vistas foi o que se chamou horisonte, e que na bella sciencia da astronomia, se chama apparente para o differenciar daquelle que os astrónomos consideram, ao qual se dá o nome de verdadeiro.

Igualmente, notou-se nas jornadas que, quando se caminhava em direitura a uma montanha, se descobria a sua summidade, depois as partes menos elevadas, e só por fim, quando se chegava á sua proximidade, é que se lhe via a base. Este phenomeno não podia considerar-se devido aos accidentes do terreno ou ás circumstancias locais; porque se observava em todas as direcções, e se tornava tanto mais sensível, quanto a atmosphera estava mais pura; e porque de um modo mais evidente ainda, se manifestava nos mares, aonde era mais concludente, por isso que nelle não ha desigualdades de superficie, nem obstaculos, que interceptem os raios visuaes. Ora todo o mundo sabe que, quando os nautas se affastam da costa, o baixel como que se submerge, desaparece o casco, depois successivamente as vélas, os mastros, e os topos são os ultimos a esconder-se; assim como succede o inverso a respeito daquelles que buscam a praia. O mesmo a elles acontece, perdem a terra de vista, os edificios, e só por fim o cume das elevadas montanhas; assim como são estes os primeiros signaes que divisam, quando procuram o desejado porto; e só vão descobrindo os outros objectos, menos elevados, na proporção que se approximam: phenomenos que não podem ser attribuidos á distancia; porque se subimos aos mastros, ou se em terra nos elevamos, descobrimos os objectos, que d'um logar mais baixo tinhamos perdido de vista, ou ainda não viamos: donde se collige que, é a superficie das aguas quem intercepta as vistas do observador, o que só póde fazer tendo uma figura convexa.

Disto devemos concluir que, a linha de marcação que parece determinar a extensão do horisonte, não é uma linha real, mas um limite apparente causado pela convexidade da superficie da terra ou das aguas, segundo as observações são terrestres ou maritimas, e que este limite depende da altura em que o observador se acha.

Aqui se póde suscitar uma duvida: esta convexidade terá logar somente para o sitio da observação, ou será a mesma por toda a parte? É isto o que se resolve pelas viagens em volta do globo: são estas viagens, de tão extensa carreira, inseparaveis de immensos trabalhos, de innumeraveis perigos, e que só podem ser empreendidas por navegadores infatigaveis e audaciosos, animados de um verdadeiro amor da gloria, que tem enriquecido todas as sciencias, em geral, de preciosos factos. Destes foi Fernando de Magalhães, nosso compatriota, o primeiro que arrostou as difficuldades, illustrando assim a terra que o viu nascer, e ganhando para si preciosa fama.

Este celebre navegador sahio da Peninsula dirigindo-se para o occidente, chegou ao continente da America, costeou esta região até dobrar o cabo de

Horn; tornou a dirigir-se para o occidente, entrou no mar do sul, e continuando neste rumo, depois de uma longa viagem, chegou ás ilhas Molucas; encaminhando-se sempre no mesmo sentido, dobrou o cabo da Boa-Esperança, entrou no oceano, chegou novamente á Europa, entrando no logar donde tinha sahido, e vindo do oriente. Nesta viagem notou-se constantemente, em todos os logares, o movimento dos astros, e viu-se que, quando se caminhava para o sul, as constellações do norte se approximavam do horisonte, até desaparecerem por debaixo delle, em quanto que as do sul se elevavam, descobrindo-se outras novas, e que o contrario acontecia caminhando-se para o norte.

Todas estas observações muitas vezes repetidas por outros viajantes, tanto nos mares como nos continentes, provam incontestavelmente que, a superficie total da terra e das aguas é convexa, e por nenhum ponto adhire ao céu estrellado.

A redondeza da terra em todos os sentidos tambem se póde provar pelos diversos aspectos que a lua nos appresenta.

Todos vêem que a lua experimenta no seu disco, e na luz que nos envia, variações mui notaveis, as quaes se tem chamado *phases*: estas consistem em passar gradualmente da fórma d'um circulo á d'um semicirculo, ir este chanfrando-se até desaparecer, para novamente reaparecer com a figura d'um pequeno arco, ir a este arco diminuindo a chanfradura, passar a semicirculo, e deste, por successivos augmentos, outra vez a um disco completo, o qual depois experimenta novos cerceamentos, appresentando o mesmo phenomeno em ordem inversa e assim continuamente. Estas variações periodicas tem relações tão determinadas com a posição do sol em referencia á lua, que dellas se collige ser a lua um corpo redondo e opáco.

Não sendo, portanto, a lua um corpo luminoso, mas reflectindo a luz que recebe do sol, é evidente que, se em virtude do seu movimento acontecer passar entre o sol e a terra, infallivelmente nos occultará o sol em todo ou em parte: é com effeito o que acontece, phenomeno a que se dá o nome de *eclipse do sol*, e que só póde ter logar em lua nova.

Do mesmo modo por occasião da lua cheia vê-se ás vezes a lua obscurecer-se repentinamente, e passado algum tempo recobrar a sua luz, notando-se que o bordo que primeiro a perde, é aquelle que de novo primeiro a recebe: ora sendo a terra um corpo opáco necessariamente projectará uma sombra para a parte opposta áquella donde recebe a luz solar; então a lua entrando, e sahindo desta sombra dá logar ao phenomeno descripto, que se chama *eclipse da lua*.

Nota-se tambem, que o contorno da sombra projectada sobre o disco lunar, no acto da immersão (*), e da emersão (:) é curvo, o que mostra ser a fórma da sombra igualmente curva, e por consequencia o corpo que a produz ter a fórma redonda: logo a observação deste phenomeno, é mais uma prova da figura redonda da terra.

Repetidas e exactas observações feitas com instrumentos adequados, mostram ser esta redondeza a de uma esphera achatada nos extremos de um de seus diametros, tomando uma figura semelhante á

(*) Chama-se immersão á acção d'um corpo entrar n'outro, e por consequencia o principio do eclipse.

(:) Denomina-se emersão o acto pelo qual um corpo sahe de outro depois de nelle ter entrado, por consequente o fim do eclipse.

de uma laranja, tendo-se até chegado a determinar este achatamento.

Visto a terra ser um corpo quasi espherico, segue-se que os differentes povos que a habitam hão-de ter as cabeças voltadas para diversos pontos do céu, e que aquelles que existirem nas proximidades d'um dos extremos de qualquer dos seus diametros, terão os pés voltados para os daquelles que ficarem na proximidade do outro extremo do mesmo diametro: aquelles povos que se acham nestas circumstancias são os chamados antipodas.

Sendo a terra quasi espherica segue-se que as perpendiculares aos diversos pontos da sua superficie concorrerão no interior, e que se reuniriam em um ponto se ella fosse exactamente espherica, o qual seria o seu centro.

A direcção destas perpendiculares é indicada em cada lugar pelo caminho que os corpos descrevem, quando abandonados á acção da gravidade, cuja direcção nos é dada pela linha de prumo.

Se imaginarmos esta prolongada indefinidamente para um e outro lado, o ponto aonde superiormente encontra a esphera celeste é o que se chama *zenith*, e o inferior *nadir*.

As desigualdades que se encontram na superficie da terra, provenientes de elevadas serras, ou de profundos abysmos, em nada alteram a figura que acabámos de lhe assignar; porque se medirmos estas alturas ou se sondarmos as profundidades, e acharmos a sua differença a respeito do nivel do mar, comparando esta com a extensão do diametro da terra veremos serem grandezas inapreciaveis, de tal modo, que se quizessemos construir um globo ainda das maiores dimensões, não acharíamos meios de podêr assignar taes extensões.

Á vista do exposto, devemos concluir que, a superficie da terra e das aguas formam uma esphera independente da irregularidade da superficie terrestre, tal como resultaria do nivel medio das aguas prolongado pelos continentes; e que esta esphera é um pouco achatada nos extremos de um dos seus diametros, a cujos extremos se dá o nome de *pólos*, e a este diametro o de *eixo de rotação*.

Th. J. Rz.

Biographia do famoso arcebispo de Toledo, D.
PEDRO TENORIO, PORTUGUEZ, NATURAL
DO ALGARVE.

A MAIOR parte dos escriptores que tem tratado das historias profana e ecclesiastica da Peninsula, induzidos pela toada do sobrenome *Tenorio*, assentaram que este personagem, o qual tão grande papel representou nos successos do seu tempo, era castelhano de nascimento. Esta illusão tinha demais sua desculpa por não ser muito factivel que a prelazia de Toledo, a primeira cathedral das Hespanhas, a rival de Braga na primazia, fosse regida por um ecclesiastico estrangeiro. Entretanto esta qualidade o não embaraçou de governar com grande lustre aquella igreja, de ser o primeiro conselheiro dos reis de Castella no seu tempo, e o principal regedor daquella monarchia na menoridade do rei Henrique 3.º, dito o enfermo, filho e successor d'elrei D. João 1.º de Castella.

Os memoraveis acontecimentos daquella epocha, tendo uma ligação proxima e immediata com a nossa historia patria, são em certo modo successos do-

mesticos e nacionaes; pelo que não nos parece inutil darmos uma idéa succinta d'uma personagem que nelles teve grande parte, e ao qual as circumstancias extraordinarias de sua vida levaram a hostilizar o mesmo paiz que lhe déra o ser, e o pozera no caminho da grandeza e d'uma celebridade não vulgar.

D. Pedro Tenorio foi portuguez, natural de Tavira, filho do commendador d'Estepa na ordem de Santiago, João Tenorio, e de sua mulher D. Joanna de Castro. Destinado por seus pais ás honras proprias de seu nascimento, sahio da patria, segundo o costume daquelle tempo, a procurar a educação litteraria que lhe não offerencia o paiz natal. Fez seus estudos em Tolosa de França, donde passou ás escholas celebres da Italia em Perugia, e outras, e por ultimo na universidade de Bolonha. Terminados elles com notavel credito de seus talentos e renome na propria curia pontificia, veio dahi provido no bispado de Coimbra em 1376, reinando elrei D. Fernando; sendo pouco tempo depois enviado pelo mesmo soberano a Castella para ajustes de um dos muitos projectados casamentos da infanta D. Beatriz, o que se talhára com D. Fradique, duque de Benavente, filho natural d'elrei D. Henrique 2.º, o bastardo.

Um lance de sua fortuna o levou depois a Roma, onde o papa Gregorio 11.º se lhe affeiçoou sobremaneira, distinguindo-o como um dos prelados de extraordinario merito. Succedeu por este tempo vagar a mitra de Toledo por morte do arcebispo D. Gomes Manrique; e como duas grandes parcialidades dividissem o cabido toletano, querendo uma eger o seu deão D. Pedro Fernandes Cabeça de Vacca, e a outra D. João Garcia Manrique, bispo de Siguença, o mesmo papa Gregorio 11.º, excluindo os dois, nomeou arcebispo de Toledo ao nosso D. Pedro Tenorio «*homem, diz um escriptor castelhano, de grandes prendas, muito letrado, portuguez, que por diversos casos andava desterrado da patria, sendo bispo de Coimbra.*» Quaes fossem as causas deste desterro não sabemos; de crer é que as larguezas d'elrei D. Fernando aos fidalgos portuguezes e castelhanos, e a soltura e licenciada liberdade com que então as gentes de guerra se atreviam ás imunidades da Igreja produzissem alguma queixa do bispo, e o seu voluntario exílio.

O primeiro passo de sua illustrada prudencia no regimen da Igreja foi a deliberação que tomou quando elrei de Castella o consultou na grande questão do scisma entre os dois Papas Urbano 6.º e Clemente 7.º, reconhecidos já alternadamente por algumas potencias. O arcebispo juntou concilio em Alcalá de Henares, e encaminhou o negocio de maneira que se resolveu sobrestar no reconhecimento de ambos, e esperar que a Igreja decidisse a contenda. Esta medida e reserva salutar porem foi baldada no anno seguinte 1380, em que vindo á Hespanha D. Pedro de Luna, como legado de Clemente 7.º, reinando já em Castella D. João 1.º, soube por tal arte apadrinhar sua causa com as sympathias da córte, onde tinha muitos parentes valiosos, que, debatido novamente o ponto na universidade de Salamanca em claustro pleno de todas as escholas se definiu a favor da legitimidade de Clemente 7.º, ficando desde então este tão affeiçoado e reconhecido ao arcebispo Tenorio, quanto Urbano 6.º lhe ficára adverso. E esta circumstancia não contribuiu pouco para augmentar a inimizade e aversão dos dois povos por-

tuguezes, e castelhanos na porfiosa guerra que pouco depois se seguiu entre as duas corôas; porque havendo Portugal reconhecido o Papa Urbano consideravam scismaticos os castelhanos seus inimigos: de sorte que, misturados assim os dois mais poderosos incentivos do animo, o amor da propria conservação e independencia, e a convicção religiosa, de que esforços não seriam capazes os portuguezes do tempo do Mestre d'Aviz? Bem conhecida é aquella coarctada com que um dos valentes d'Aljubarrota distrahiu as impressões de mau agouro, tomado dos dois irmãos que ahí cabiram mortos feridos do primeiro tiro dos canhões inimigos: = eram scismaticos [gritou uma voz sahida da fileira] pagaram a culpa da sua apostasia. =

Seguiu-se a cruenta guerra da successão portugueza; e o arcebispo já todo castelhano tomou parte mui activa nas operações que a acompanharam. Refere Fernão Lopes, d'accôrdo nesta parte com os escriptores castelhanos, que o exercito invasor commandado em pessoa por elrei D. João 1.º quando foi cercar em Lisboa o Mestre d'Aviz, passára o Tejo sobre a *Ponte do Arcebispo*, obra apenas acabada de D. Pedro Tenorio, [que d'ahi lhe veio o nome], reservando o mesmo prelado para essa occasião solemne a primeira passagem e abertura da mesma ponte.

Estando ainda em Cordova aquelle soberano antes de tentar a segunda invasão, que terminou na memoravel batalha d'Aljubarrota, para divertir as operações da campanha do Minho em que ia ganhando praças o Mestre d'Aviz, ordenou ao arcebispo Tenorio entrasse com suas forças, e outras d'outros senhores castelhanos pela Beira-alta; ao que se prestou pondo-se logo a caminho. Mas a fortuna que desta vez se decidiu pela boa causa, encheu d'orgulho os cabos hespanhoes que o precederam na marcha, os quaes de subito penetraram até Viseu, e foram esbarrar com os briosos portuguezes que na batalha de Trancoso os desbarataram, e vingaram os roubos e tropelias daquelles mui notaveis senhores castelhanos, como eram D. Alvaro Garcia d'Albornós, copeiro d'elrei, João Rodrigues de Castanheda, e Pedro Soares de Toledo. D. Pedro Tenorio, que chegava então de Salamanca, se livrou daquelle desar, do qual o salvára a imprudente valentia dos fidalgos.

D. João 1.º de Castella sobreviveu pouco ao desastre d'Aljubarrota; mas o arcebispo de Toledo ainda teve a sagacidade de prestar-lhe um grande serviço afastando da liga portugueza o duque de Lencastre, fazendo propor-lhe em Trancoso aquellas vantajosas condições por elle acceitas do casamento de sua filha com o principe real, e successor na corôa castelhana. Lance transcendente d'admiravel politica, em quanto desarmava um dos braços poderosos da liga, e afastava do campo um principe que se intitulava [por cabeça de sua mulher D. Constança, filha de Pedro o cruel], rei de Castella e de Leão!

O infeliz soberano D. João falleceu dentro d'uma tenda, armada no campo e veiga de Toledo, tendo-se precipitado abaixo d'um cavallo. O arcebispo Tenorio que era a alma da politica daquella côrte, e que desde logo previu as difficuldades e apuros a que ia ser reduzida a monarchia na minoridade do successor d'onze annos, e na regencia d'uma mulher, a rainha D. Beatriz, a quem de máu grado obedeceria a vaidade castelhana, tomou então um partido digno

da grande esfera do seu genio: occultou a morte d'elrei por tres dias, em quanto preparava e disputava todas as cousas tendentes aos seus fins. Figurando que o soberano, mal ferido da quédá, vivia, e dava ordens, impediu a entrada na tenda a todas as pessoas, e em nome do rei foi expedindo providencias, e tomando todas as precauções: ao descobrir a verdade, e patentear o cadaver do soberano, os caminhos todos estavam tomados; e as ambições e rivalidades não poderam por então desenvolver-se.

Estabelecida a rainha viuva no exercicio da regencia sem contradicção pelas acertadas medidas do arcebispo, era este a alma e o conselho da administração dos negocios, que corriam placidos e regulares. Mas os tempos eram insoffridos de qualquer jugo d'auctoridade legal. O arcebispo de Santiago, D. João Garcia Manrique, sobplantado já na promoção á mitra de Toledo não pôde suportar a elevação do seu competidor; ligou-se com um dos principes da familia real, juntou outros poderosos confederados, e em aberta revolta constrangeram a auctoridade da rainha, e a obrigaram a afastar Tenorio de seu lado: este abandonado pelo braço que devia ser o seu apoio, foi sacrificado e mettido n'uma torre onde os conjurados o encerraram por muito tempo.

Em 1393 Henrique 3.º subiu ao throno, e D. Pedro Tenorio entrou de novo no valimento; o seu acerrimo antagonista Manrique desnaturalisou-se, passou a Portugal, onde foi administrador do bispado de Coimbra e de Tuy em perpetuidade. Tão inconciliaveis e adversos eram estes dois grandes prelados que dentro e fóra da monarchia se collocaram sempre em posição hostil. E elrei D. João 1.º de Portugal acarinhou com boa politica o descontente Manrique, que com suas relações na Galliza lhe abria d'algum modo as portas de Tuy e das de mais terras que então ganhára naquella provincia. Tenorio conservou até 1399, em que falleceu, aquella preponderancia que lhe assignava seu genio vasto, e consummada prudencia. Em tempos agros e difficéis soube prevalecer contra as turbulencias, intrigas, e violencias da anarchia senhorial dos grandes potentados castelhanos; e quasi que nenhum negocio d'importancia interior ou exterior, de paz ou de guerra se emprehendeu ou concluiu sem a sua intervenção em quatro reinados.

Foi D. Pedro Tenorio não menos grandioso e magnifico do que atilado e litterato. Levantou elle só, e á sua custa a soberba ponte do arcebispo, reedificou o claustro da cathedral de Toledo, restaurou o castello de S. Servando, o mais forte baluarte daquella antiga capital, e fez de novo a ponte de S. Martinho de Toledo derribada pelas guerras civis. Construiu fortes e castellos na extremidade de seus domínios, fronteira de mouros granadinos; fundou a povoação de Villafranca junto á Ponte do Arcebispo; ampliou, e dotou conventos; e por ultimo mandou erigir na sé a capella de S. Braz para seu jazigo, e ahí está sepultado em moimento de marmore, com seu busto na campa em habitos pontificios, com a seguinte inscripção: —

«Aquí yace D. Pedro Tenorio Arzobispo de
«Toledo, Primado de las Españas, Chan-
«ciller mayor de Castilla, cuya anima Dios
«haya. Falleció dia de Santispiritus año de
«nuestro Señor Salvador Jesu-Christo de 1399
«años.»

J. da C. N. C.